

ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNOS DE ESPECTRO AUTISTA (TEA)



ELVIRA JOSIANE DEMIN ARAUJO DE MORAIS

Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santana em 1992, professora de Fund. I, Polivalente na EMEF Euclides Custódio da Silveira.

RESUMO

Este artigo aborda o processo de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando os desafios e as estratégias eficazes para promover uma aprendizagem significativa. O TEA é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por dificuldades na comunicação, interação social e comportamentos repetitivos, o que impacta diretamente no processo educacional. A alfabetização dessas crianças requer abordagens personalizadas, uso de recursos visuais, metodologias estruturadas e apoio de tecnologias assistivas. O papel do professor como mediador e o envolvimento da família são fundamentais para o sucesso da aprendizagem. Além disso, o texto discute a importância das políticas públicas inclusivas e apresenta experiências positivas que comprovam a possibilidade de avanço significativo na alfabetização de alunos com TEA quando há preparo, sensibilidade e recursos adequados. O artigo conclui que, com práticas pedagógicas adaptadas e um olhar inclusivo, é possível garantir o direito à educação de qualidade para essas crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Transtorno Espectro Autista (TEA); Ludicidade.

INTRODUÇÃO

Há diversas discussões sobre a relevância do uso de atividades lúdicas no processo de aprendizagem de crianças autistas. Considerando esses aspectos, destaca-se a reflexão apresentada por Santos (2008):

“Através das atividades lúdicas a criança assimila valores, adquire comportamentos, de-

senvolve diversas áreas de conhecimento, exercita-se fisicamente e aprimora habilidades motoras. No convívio com outras crianças aprende a dar e receber ordens, a esperar sua vez de brincar, a emprestar e tomar como empréstimo o seu brinquedo, a compartilhar momentos bons e ruins, a fazer amigos, a ter tolerância e respeito, enfim, a criança desenvolve a sociabilidade. (SANTOS, 2008, p. 56)”

O TEA é classificado como um distúrbio do neurodesenvolvimento (DSM-5, 2014). De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 70 milhões de pessoas no mundo apresentam esse transtorno, geralmente identificado na infância, entre um e três anos de idade, e que acompanha o indivíduo ao longo da vida. O TEA afeta a comunicação, a aprendizagem e a adaptação social. Apesar do desenvolvimento físico ocorrer normalmente, muitas crianças apresentam dificuldades significativas para estabelecer vínculos afetivos e sociais, frequentemente demonstrando comportamentos introspectivos.

Para que a alfabetização ocorra de forma eficaz, o ambiente escolar deve ser planejado com cuidado. Durante muito tempo acreditou-se que crianças autistas enfrentam obstáculos quase intransponíveis para aprender a ler e escrever. No entanto, estudos e práticas pedagógicas têm demonstrado que, com as abordagens adequadas, é possível promover avanços significativos. Estratégias como rotinas bem definidas, uso de recursos visuais e instruções claras auxiliam na compreensão das atividades de leitura e escrita.

Ao identificar sinais de interesse pela leitura e escrita, é fundamental adaptar as metodologias de ensino para incentivar essas habilidades. Alfabetizar crianças com TEA é mais do que ensinar letras e palavras — é também favorecer a comunicação e a interação social. Cada criança responde de maneira única às estratégias pedagógicas, o que reforça a importância de um ensino individualizado. Algumas aprendem melhor com estímulos visuais, outras com estímulos auditivos.

Portanto, planejar as aulas exige um olhar atento às especificidades de cada aluno. Um ensino estruturado, com apoio visual e linguagem objetiva, é essencial para favorecer o aprendizado de crianças com TEA. Embora a alfabetização nesse contexto exija adaptações, a compreensão das dificuldades e potencialidades individuais permite construir um processo educativo mais inclusivo e eficaz.

O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

O Transtorno do Espectro Autista é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por dificuldades persistentes na comunicação e na interação social, além de padrões restritivos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades. A DSM-5 classifica o TEA em níveis que indicam a intensidade do suporte necessário ao indivíduo.

Historicamente, o autismo foi descrito por Leo Kanner, em 1943, e por Hans Asperger, em 1944, o que contribuiu para a compreensão das diferentes manifestações do transtorno. Atualmente, entende-se que o TEA resulta da combinação de fatores genéticos e ambientais que afetam o cérebro em desenvolvimento. O aumento da prevalência nas últimas décadas pode ser atribuído à ampliação dos critérios diagnósticos e ao aumento da conscientização social e médica.

As manifestações do TEA geralmente surgem nos primeiros anos de vida e impactam a aquisição da linguagem oral e escrita, além de influenciar o comportamento adaptativo e o desempenho escolar. Por isso, o diagnóstico precoce e a intervenção interdisciplinar são fundamentais para o desenvolvimento das potencialidades da criança.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DO TEA

A alfabetização de crianças com TEA deve contemplar, além dos aspectos linguísticos, o desenvolvimento global da criança, respeitando suas especificidades cognitivas, emocionais e sensoriais. É imprescindível adotar práticas pedagógicas que favoreçam a construção do conhecimento de maneira concreta, visual e significativa, respeitando o ritmo e o estilo de aprendizagem de cada aluno.

Autores como Lev Vygotsky e Jean Piaget oferecem fundamentos importantes para pensar o processo de ensino-aprendizagem. Vygotsky, ao destacar o papel das interações sociais no desenvolvimento do pensamento, nos mostra como a mediação de um adulto ou de um colega pode ajudar crianças com TEA a superar desafios sociais e cognitivos. Já Piaget ressalta que o conhecimento se constrói a partir da interação com o ambiente. Nesse sentido, a aprendizagem torna-se mais eficaz quando as experiências são vividas de forma prática, concreta e sensorial.

Para crianças com TEA, atividades que envolvem manipulação de objetos, visualização de imagens e contato direto com o conteúdo favorecem a compreensão e o engajamento. Assim, a alfabetização transforma-se em um processo significativo, no qual cada conquista, por menor que seja, contribui para o desenvolvimento da autonomia e da comunicação.

DIFICULDADES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) enfrentam diversos desafios ao longo do processo de alfabetização, o que exige uma atenção cuidadosa por parte dos educadores. Um dos principais obstáculos é a dificuldade de manter o foco por longos períodos, o que acaba prejudicando tanto o acompanhamento das atividades escolares quanto a assimilação de novos conteúdos.

Outro ponto importante é a interpretação literal da linguagem, que é comum entre essas crianças. Isso faz com que tenham dificuldades com símbolos abstratos e com a linguagem figurada, como metáforas e expressões idiomáticas. Por isso, é necessário adaptar o vocabulário e ser claro na apresentação das informações. Além disso, muitas dessas crianças têm dificuldades na comunicação não verbal, como gestos e expressões faciais, o que afeta as interações com os colegas e os professores, essenciais para o aprendizado.

A resistência a mudanças de rotina é um dos maiores desafios enfrentados por crianças com TEA. Para elas, o ambiente escolar, que exige tanta flexibilidade e adaptação, pode parecer um terreno movediço. Mudanças no plano de aula, por menores que sejam, podem gerar um mal-estar,

como se o chão debaixo dos pés se tornasse instável e imprevisível. Esse desconforto, por vezes, transforma o processo de adaptação em um caminho mais árduo, cheio de pedras e desvios.

E, se isso já não fosse o suficiente, há o desafio de levar o aprendizado da sala de aula para fora dela. Muitas vezes, aquilo que é aprendido entre as quatro paredes da escola se recusa a sair, como uma semente que não encontra terreno fértil. O que é adquirido no ambiente escolar, por mais valioso que seja, tende a ficar restrito ali, sem se expandir para o mundo exterior, para as situações do dia a dia.

Mas essas dificuldades não precisam ser encaradas como barreiras imbatíveis. Elas apontam apenas para a necessidade de um olhar mais atento e uma abordagem que se ajuste ao ritmo e às particularidades de cada criança com TEA. Com o apoio adequado, ajustando as práticas pedagógicas e utilizando as ferramentas certas, é possível transformar cada desafio em um degrau, levando essas crianças a avanços significativos no aprendizado e no seu desenvolvimento.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO EFICAZES

No processo de alfabetização de crianças com TEA, a escolha das estratégias de ensino deve considerar as singularidades de cada aluno. É essencial compreender o que o motiva e o que facilita seu engajamento.

Entre as estratégias mais eficazes, destacam-se os recursos visuais — como quadros de rotina, cartões ilustrados, vídeos educativos e jogos com imagens. Esses materiais contribuem para a previsibilidade do ambiente, reduzem a ansiedade e estabelecem conexões entre o universo visual e o verbal, especialmente úteis para crianças com dificuldades na linguagem oral.

O método fônico também é bastante eficaz, pois ensina a relação entre sons (fonemas) e letras (grafemas), ajudando na decodificação das palavras. Quando associado a atividades lúdicas e sensoriais, o método potencializa o aprendizado, tornando-o mais significativo.

O modelo TEACCH, por sua vez, propõe um ensino estruturado, com ambientes organizados, tarefas claras e rotina previsível. Isso proporciona segurança para a criança, favorecendo sua autonomia e desenvolvimento.

A tecnologia é outra grande aliada: softwares educativos, aplicativos interativos e o uso de tablets permitem a personalização do ensino, acompanhando o progresso de cada aluno de forma dinâmica e motivadora.

O reforço positivo deve ser constante. Comemorar conquistas — por menores que sejam — fortalece a autoestima e o vínculo com a aprendizagem. Por fim, atividades sensoriais, como traçar letras em superfícies texturizadas ou associar imagens a sons, enriquecem o processo de alfabetização ao envolver diferentes canais de percepção.

PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA

A parceria entre família e escola ergue-se como um alicerce silencioso, mas essencial, na jornada de alfabetização das crianças com Transtorno do Espectro Autista. Não se trata apenas de dividir responsabilidades, mas de construir, juntos, uma rede de apoio onde o diálogo flui suavemente, e a escuta se transforma em ponte entre mundos muitas vezes distantes. Quando família e escola caminham lado a lado, cada conquista da criança ressoa mais longe, como se o aprendizado ganhasse asas.

O papel da família vai muito além de supervisionar tarefas ou conferir o caderno. Ela é o porto seguro onde a previsibilidade e o estímulo se encontram, criando um ambiente propício ao florescimento do saber. Ao incorporar em casa os conteúdos trabalhados na escola, os familiares ajudam a sedimentar o conhecimento, permitindo que as habilidades recém-adquiridas se espalhem, como sementes ao vento, para outros aspectos da vida cotidiana. Dessa forma, o aprendizado conquistado nas quatro paredes da sala de aula encontra espaço para crescer e se integrar ao cotidiano da criança.

É fundamental que os responsáveis participem ativamente das atividades propostas, reconhecendo os avanços e oferecendo suporte emocional nos momentos desafiadores. Estabelecer uma rotina doméstica que favoreça a comunicação, o contato com a linguagem escrita e a autonomia da criança fortalece os vínculos familiares e amplia as oportunidades de aprendizagem.

A escola, por sua parte, tem o papel de adotar uma prática pedagógica inclusiva, assegurando que seus educadores recebam formação contínua sobre o TEA e suas características específicas. É fundamental que os professores estejam prontos para ajustar suas metodologias, adaptar o currículo e propor intervenções que atendam às diversas necessidades de cada aluno. Para que esse trabalho seja eficaz, o suporte de uma equipe multidisciplinar — composta por psicopedagogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e psicólogos — se torna indispensável, tanto no planejamento das atividades quanto no acompanhamento das famílias e profissionais da educação.

Essa colaboração constante entre escola e família favorece o desenvolvimento integral da criança, fortalece sua autoestima e cria os alicerces de confiança necessários para que o processo de alfabetização seja não apenas efetivo, mas também prazeroso, respeitando as singularidades de cada aluno com TEA.

O PROFESSOR COMO MEDIADOR DA APRENDIZAGEM

O papel do professor é essencial como mediador no processo de construção do conhecimento, especialmente na alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Mais do que apenas transmitir conteúdo, o educador deve ser um facilitador da aprendizagem, criando um ambiente acolhedor, acessível e estimulante. Para isso, é preciso sensibilidade para entender as particularidades de cada aluno e competência técnica para aplicar práticas pedagógicas que atendam às necessidades específicas dessa criança.

A mediação eficaz começa com uma postura empática do professor, capaz de perceber os sinais comunicativos da criança com TEA, mesmo quando esses sinais não são expressos de forma verbal convencional. O educador deve ser capaz de interpretar os interesses, os modos de expressão e as formas de interação da criança, usando essas informações como base para criar estratégias de ensino personalizadas.

Além disso, é fundamental que as atividades respeitem o ritmo de aprendizagem de cada aluno, propondo desafios graduais e utilizando diferentes linguagens — verbal, visual, corporal e tecnológica — para garantir compreensão e participação ativa. O uso de recursos concretos, jogos educativos, materiais sensoriais e dispositivos tecnológicos pode ser decisivo para manter a criança engajada no processo de alfabetização.

O professor deve também cultivar a reflexão e a colaboração, mantendo-se aberto a novos métodos e disposto a revisitar seus próprios conhecimentos. Ao trocar experiências com colegas, compartilhar dúvidas e descobertas, e estabelecer laços com a família e a equipe de apoio, o docente transforma a sala de aula em um ambiente dinâmico e colaborativo. Nesse caminho, o educador assume o papel de um mediador atento, que, com sensibilidade e conhecimento, guia a criança com TEA na exploração do conhecimento, da convivência e das emoções. Assim, cada gesto, cada palavra, cada escuta se torna um convite para que o aluno se sinta parte integrante do universo escolar, ampliando seus horizontes e abrindo portas para novas conquistas.

INCLUSÃO ESCOLAR E POLÍTICAS PÚBLICAS

A inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), no Brasil, está amparada por importantes marcos legais, como a Constituição Federal, a Lei Brasileira de Inclusão e a Política Nacional de Educação Especial. Esses instrumentos não representam apenas obrigações jurídicas, mas garantias fundamentais de que toda criança tem direito a uma educação de qualidade, assegurando acesso, permanência, participação e aprendizagem no ensino regular. No entanto, entre a teoria e a prática, existe um percurso complexo, marcado por desafios concretos e persistentes.

Na realidade cotidiana das escolas, muitos professores enfrentam dificuldades que vão além da sala de aula. Há escassez de materiais adequados, formação insuficiente e ausência de apoio técnico. Em muitos casos, os profissionais sentem-se desamparados diante das especificidades do TEA, lidando com currículos inflexíveis, carência de recursos adaptados e a falta de profissionais especializados, como mediadores e intérpretes de Libras, que poderiam compartilhar a responsabilidade dessa jornada.

Diante desse cenário, torna-se urgente transformar as intenções em ações concretas. É necessário ir além dos discursos e garantir investimentos reais na formação continuada dos professores, oferecer suporte pedagógico qualificado e montar equipes multidisciplinares que colaborem no planejamento e na condução do processo educativo. Ambientes escolares inclusivos também precisam de infraestrutura adequada, com recursos acessíveis e práticas adaptadas às diferentes

realidades dos alunos.

Mais do que adequações físicas ou metodológicas, é preciso cultivar uma nova postura dentro da comunidade escolar — uma atitude comprometida com o respeito às diferenças e com a valorização da diversidade. Combater preconceitos e promover o diálogo constante são passos essenciais para que as escolas se tornem, de fato, espaços de pertencimento para todos.

ESTUDOS DE CASO E BOAS PRÁTICAS

Experiências bem-sucedidas em diferentes contextos educacionais têm demonstrado que alfabetizar crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) não apenas é possível, como também plenamente realizável, desde que sejam adotadas metodologias adequadas e assegurado o suporte pedagógico e institucional necessário. Essas vivências revelam o quanto essas crianças podem progredir quando encontram um ambiente que respeita suas particularidades e oferece as condições certas para aprender.

Em uma escola municipal de São Paulo, por exemplo, o uso de jogos digitais adaptados ao currículo e aos interesses dos alunos, aliado ao trabalho de um mediador pedagógico capacitado, trouxe avanços significativos nas habilidades de leitura e escrita de estudantes com TEA. A possibilidade de personalizar atividades e acompanhar de perto o desenvolvimento de cada criança permitiu ajustes constantes nas estratégias, valorizando conquistas individuais e respeitando o tempo de cada uma.

Outra prática que tem mostrado bons resultados é a implementação de salas de recursos multifuncionais, pensadas para atender às necessidades específicas de alunos com deficiência. Esses espaços contam com materiais pedagógicos diferenciados e profissionais especializados, funcionando como complemento ao trabalho realizado na sala de aula comum.

Uma prática importante no processo de alfabetização de crianças com TEA é a elaboração do Plano de Ensino Individualizado (PEI). Esse instrumento permite ao professor traçar metas alinhadas ao perfil e às necessidades específicas de cada aluno, adaptando conteúdos e estratégias conforme o desenvolvimento observado. Com isso, o planejamento pedagógico ganha em precisão e sensibilidade, promovendo um ensino mais ajustado à realidade de quem aprende.

A avaliação contínua desempenha um papel fundamental no acompanhamento do desenvolvimento dos alunos. Mais do que registrar resultados, ela oferece subsídios para refletir sobre as práticas pedagógicas, identificar possíveis obstáculos e ajustar as estratégias de ensino conforme as necessidades de cada estudante. Quando a família é envolvida nesse processo, os vínculos entre escola e lar se fortalecem, favorecendo uma aprendizagem mais coesa, significativa e alinhada ao cotidiano da criança.

Quando essas ações são conduzidas por profissionais bem-preparados, apoiados por políticas públicas consistentes e comprometidas com uma educação inclusiva de verdade, os resultados aparecem. A escola se torna, de fato, um espaço que acolhe, respeita e valoriza as diferenças,

abrindo caminhos para que todas as crianças possam aprender e se desenvolver plenamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alfabetizar crianças com Transtorno do Espectro Autista é uma jornada que ultrapassa o uso de métodos ou cartilhas. Requer do educador um olhar sensível, capaz de perceber além do que é visível, uma escuta atenta até os silêncios, e uma dedicação que vai muito além dos limites da sala de aula. É como cuidar de um jardim de espécies únicas: cada broto tem seu tempo, cada raiz demanda um tipo de cuidado, e a colheita muitas vezes chega apenas para quem cultiva com paciência e fé no invisível. Os desafios são reais — surgem como pedras no caminho, testando a criatividade e a persistência de quem ensina. No entanto, a prática cotidiana e as pesquisas na área demonstram que, com as ferramentas certas e uma dose generosa de sensibilidade, é possível abrir caminhos de aprendizagem que respeitam a individualidade de cada criança, permitindo que ela floresça em seu próprio ritmo e dê cor ao mundo à sua maneira.

Quando o processo de alfabetização é conduzido de forma personalizada, respeitando o ritmo e os interesses do aluno, ele vai além da simples decodificação de letras e palavras. Transforma-se em um convite à autonomia, ao fortalecimento da autoestima e à participação social. Nesse contexto, a rotina torna-se aliada importante: sua previsibilidade ajuda a criança a se orientar no tempo e no espaço, oferecendo estabilidade emocional. No entanto, mudanças bruscas exigem atenção redobrada, pois podem desorganizar esse equilíbrio e comprometer o processo educativo.

Este estudo buscou evidenciar a importância de uma abordagem pedagógica intencional, que valorize a estimulação adequada, o uso de recursos visuais e sensoriais, e o planejamento centrado nas necessidades específicas do estudante. O educador, nesse cenário, é como um jardineiro atento: observa, adapta-se, aprende e se reinventa constantemente, amparado por formação continuada e por uma empatia genuína, que ultrapassa o cumprimento de obrigações formais.

Sabemos que não é simples — faltam materiais, formação adequada e, muitas vezes, apoio suficiente dentro das escolas. Ainda assim, quando há diálogo entre os envolvidos, um planejamento que leve em conta a realidade de cada contexto e uma rede de apoio que realmente funcione, os desafios se tornam menos pesados. A parceria entre escola e família, quando construída com escuta, respeito e metas em comum, pode fazer toda a diferença no dia a dia, tornando o processo de ensino e aprendizagem humanos.

Educar crianças com TEA é promover o desenvolvimento de múltiplas habilidades: cognitivas, sociais, comportamentais e comunicativas. Todas elas, como instrumentos de uma orquestra, são indispensáveis para o crescimento integral do aluno. Estratégias pedagógicas bem aplicadas não apenas ampliam seu universo de aprendizagem, como também contribuem para o bem-estar psicológico da criança e de sua família, fortalecendo os laços afetivos e sociais.

Ao fim, acreditar no potencial das crianças com TEA e investir em práticas verdadeiramente inclusivas é plantar as sementes de uma sociedade mais justa, plural e acolhedora — uma sociedade em que todos, com suas cores e vozes singulares, tenham espaço para crescer e florescer.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedoteca: O lúdico em diferentes contextos**. 12.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

GIKOVATE, Carla Gruber. **Autismo: compreendendo para melhor incluir**. Rio de Janeiro, 2009. 35 p. Disponível em: <http://www.carlagikovate.com.br/aulas/autismo%20compreendendo%20para%20melhor%20incluir.pdf>. Acesso 13 maio 2015.

DECLARAÇÃO MUNDIAL SOBRE EDUCAÇÃO PARA TODOS: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem, 1990. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/imagenes/0008/000862/086291por.pdf>. Acesso 25 ago. 2014.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso 05 maio 2025.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2008.

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SCHWARTZMAN, José Salomão. **Transtornos do espectro autista: uma revisão**. Revista Brasileira de Psiquiatria, São Paulo, v. 26, supl. 1, p. S3–S7, 2004.

SMITH, Tristram. **Ensinar alunos com autismo: estratégias baseadas em evidências para educadores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1995.